

A BATALHA

DIARIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.739

Sabado, 26 de Julho de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada da Combra, 33-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

A ditadura espanhola está à beira da falência, por falta de inteligencia, por falta de apoio, por falta de moral

PARA OS VINTE CONTOS necessários para a remodelação gráfica de A BATALHA FALTAM APENAS 10.500 ESCUDOS

Nada de confusões . . .

De vez em quando, certos jornais que exploram a notícia sensacional, anunciam que vai estabelecer-se uma frente única de todos os elementos das esquerdas, para uma ação política de conjunto. Esses mesmos jornais indicam os agrupamentos que vão ligar-se numa coesão homogênea, e determinar uma mudança na vida política do país; os republicanos esquerdistas, ou sejam dominguistas e radicais, os socialistas, os comunistas e... a C. G. T.

Não se esqueça que um dos objectos que atribuem a essa aliança é a campanha eleitoral, por forma a obter-se no parlamento, uma razoável representação do esquerdismo, senão até uma esmagadora maioria. Claro é que, por parte dos políticos que teimam tendências mais avançadas, é esta uma preocupação que sempre os assigui: a abstenção eleitoral das classes trabalhadoras.

Entendem que se os operários se resolvesssem a votar, e a ser eleitos, o parlamento tomaria uma posição radical e seriam possíveis reformas de carácter social, que a maioria esquerdistas não poderia obter. Quando pensam, por isso, num entendimento com o operariado, sonham logo com esse triunfo eleitoral, com um ministério radical e todas as fantasias correlativas.

Esguecem, esses, que a grande força e coesão do operariado, consiste exactamente em se não ter imiscido nas lutas eleitorais, di-

vidindo-se ou, pelo menos, perdendo energias com métodos que lhe são inteiramente adversos e o desviariam do seu principal objecto—a luta económica e a organização da revolução social. O que dá a impressão de unidade é faz do operariado um verdadeiro bloco, admirável elemento de ação revolucionária pela sua homogeneidade, é exactamente essa sua abstenção da política eleitoral. No dia em que a C. G. T. converter-se os seus sindicatos em outros tantos centros de propaganda eleitoral a C. G. T., teria deixado de existir como uma força revolucionária para se esticar numa luta estéril. Foi exactamente isso, o que deu cabo da primaria internacional.

De resto porque motivo se procura captar a C. G. T. e se não tenta, aparte da C. G. T., coodenar os operários em grupos políticos? A razão é simples: o que é tentador é apanhá-lo dum vez os operários organizados, ligados, com a sua máquina já montada. Fazer partidos políticos operários não dá nada. O socialista é um fracasso, o comunista é outro. A C. G. T. é que dava a conta, era o operariado em massa.

Quem assim pensa não faz evidentemente a menor ideia do que seja a organização dos trabalhadores. Supõe que se trata dum rebanho de carneiros submetido às ordens e ao mando de chefes prontamente obedecidos. São eles que inventaram a lenda dos me-

neiros, atribuindo aos militantes operários a responsabilidade de atentados e de greves violentas e de quaisquer desmandos que nunca se podem evitar numa grande massa de homens e são quasi sempre actos puramente individuais. Ignoram esses cavalheiros que os chamados por eles dirigentes do operariado, embora tentem orientar os seus companheiros, levando-os a uma maior consciência dos seus direitos e deveres, sofrem mais a influência da grande massa, nas ocasiões de agitação, do que a exercem sobre elas. Por isso no dia em que se lhes metesse em cabeça, que não mette, a ideia de levar o operariado até à urna eleitoral, o menos que lhes poderia acontecer era perderem todo o prestígio até agora conquistado com a sua vida de sacrificeio pela causasocial.

Não, para isso nunca contem coñecido. Isto não quero dizer que não entendemos que, para a resistência às violências do poder, às tentativas dum restauro monárquico ou aos manejos do estabelecimento dum ditadura civil ou militar, não seja racional o entendimento revolucionário de todos esses elementos, numa aliança puramente circunstancial e momentânea, sem nenhuma responsabilidade de participação em qualquer novo poder político que viesse a formar-se, em consequência de qualquer movimento revolucionário. Isto é uma coisa muito diferente. Nada de confusões.

NOTAS & COMENTARIOS

Dois faltas

O «Diário de Lisboa» anuncia para hoje, uma carta de Carlos Pereira, versando o problema da falta de água. Coñecemos de antemão o que dirá nessa carta o director da Companhia das Águas. Coñecemos de antemão e por uma experiência de latrocínios feita.

O sr. Carlos Pereira, usa, há anos, o crónico expediente de pedir dinheiro quando fala a água, a pretexto de algumas obras que são indispensáveis fazerem-se para que o consumo da cidade possa ficar assegurado durante o verão. Quase sempre apinha o dinheiro, com a concessão escandalosa do aumento de preço da água, mas as obras nunca se fazem. O que prova que não só falta água para a população como falta a vergonha para o sr. Carlos Pereira que encarna os interesses dum dos maiores odiosos monopólios.

Matar, matar...

A polícia continua puxando dos seus revólveres, disparando e matando os avajados. E' a pena de morte regularizada com a certeza de que constitui um crime a impunidade é certa.

Anteontem, foi assassinado um rapaz com uma bala no coração. O polícia que o matou alega que o rapaz pretendia com um crime. Pomeditava? Ento não era da polícia, porque esta mata sem preparação, quando lhe apetece. E também não é o numero dos vivos, porque um polícia demonstrou-lhe que para matar, basta apenas, que a sua vida sirva de alvo a um revólver da esquadra do Bairro Alto.

Uma pergunta: quando serão fardados os assassinos que ainda não pertencem à polícia e andam à pazinha?

A revolução brasileira

1000 pessoas mortas no bombardeamento de S. Paulo—Os revoltosos vão marchar sobre o Rio de Janeiro?

WASHINGTON, 25.—Segundo notícias oficiais recebidas pelo governo norte-americano continuam encarniçada a luta em volta da cidade de São Paulo que está sofrendo grandes prejuízos por motivo do bombardeamento. Entre os numerosos edifícios destruídos encontra-se o Palácio do Presidencial Estatal.

Eleva-se a mais de mil o número de mortos pelo bombardeamento que continua.

Os residentes estrangeiros não sofrem até agora desastres pessoais, pois na sua maioria abandonaram a cidade.

Dizem de Montevideu que o comandante de um navio grego chegado àquele porto configura o bombardeamento aeroporto ao couraço «Minas Gerais» por aeroplanos revolucionários.

Os armadores americanos suspendem já todas as saídas marcadas para o porto de Santos e ordenaram aos seus navios em viagem que não toquem naquele porto brasileiro. Diz-se ainda que em virtude de ter sido reagrupada a proposta para um armistício os revolucionários vão concentrar forças e organizar uma coluna para marchar sobre a cidade de Rio de Janeiro.

1.000 civis mortos pelo bombardeamento.

BUENOS AIRES, 25.—Os federais bombardeiam activamente São Paulo, muitos edifícios estão em chamas e outros demolidos. No último bombardeamento morreram 1.000 civis. Diz-se que um coro de tropas paulistas avançou sobre o Rio de Janeiro tendo durante a marcha recebido muitas adesões. No distrito federal continua a festejar-se levantamento de tropas.

200.000 pessoas fugindo ao bombardeamento.

NEW YORK, 25.—Dizem do Brasil que as tropas federais continuam a bombardear a cidade de São Paulo, tendo a população civil sido naturalmente expulsada do deserto, salvando ao mesmo tempo o rei e a monarquia seriamente comprometidos. Que o golpe do estado era para isto, prova-o o facto de ter auxiliado a essa empresa os generais chamados impenitentes ou semelhantes que não queriam a depuração das responsabilidades.

Cavalcani, Saro, Babano, Sanguiro, Navarro, Fescerio Berenguer e Munoz Cobos, foram os generais que ajudaram; de lá, manobrando na sombra, estavam Martínez Anido desejoso de vingar-se de Sanchez Guerra que o expulsou do governo civil de Barcelona.

Em 18 de Setembro surgiu o golpe de Estado que iniciou uma época de violências que enchem de vergonha a História da Espanha. V. ex.º sabe que Primo de Rivera demitiu Aguilera da presidência do Supremo Tribunal de Guerra e Marinha, porque este general, num discurso que pronunciou na Cidad Real, afirmou que estava disposto a fazer justiça, dosses a quem dosses.

«Conhece, v. ex.º o caso da «Caoba»? Vou contá-lo, pois é relevante a moral do homem que hoje rege os destinos da Espanha.

A «Caoba» é uma mulher muito relacionada no mundo elegante de Madrid, e intimamente ao presidente do Diretório. Esta mulher estava processada

PARA A REMODELAÇÃO

HÁ 9.500 ESCUDOS FALTAM 10.500 ESCUDOS

estritamente necessários ao combate enérgico, tenaz e infatigável há mais de cinco anos vem mantendo?

O tipo com que A Batalha se publica há tantos anos é ainda o mesmo com que iniciou a sua publicação. Só um milagre de economia poderia fazer durar cinco anos, o material gráfico que em regra não dura mais de dois anos, quando dura.

Chegou o momento extremo em que a remodelação gráfica de A Batalha se impõe. Essa remodelação, modesta aliás, custa 20 contos. Não temos senão 9 contos e 500 escudos.

Esperamos que o proletariado, o povo sofredor, saibam, numa bela manifestação de solidariedade, em todo o país, contribuir rapidamente com os 10.500 escudos que faltam.

Para o combate ser rijo são necessárias armas rijas!

O MOMENTO ESPANHOL

A verdade, a cruel verdade!

Carta aberta a D. Alejandro Padilla, ministro de Espanha em Portugal

Não negará tam pouco v. ex.º que a leve condenação imposta a Berenguer foi de antemão combinada para que fosse abrangido pela amnistia já preparada pelo presidente do Diretório e essa amnistia era aposta para salvar os militares pois apesar de ter sido decretado há 20 dias, ainda não foram libertados os presos políticos e sociais, cujo número é superior a 1000.

Se, como afirma v. ex.º, o Diretório conta com o apoio da opinião pública, porque razão governa há 10 meses com este de guerra, com as garantias constitucionais suspensas, a imprensa amordacada, fechados os tribunais populares (que foram substituídos por conselhos de guerra), fechados os athenaeums e centros de cultura e impedida toda a manifestação contrária à situação actual?

Se o diretório procede com sinceridade, como afirma na sua nota, como dá facilidades ao partido «União Patriótica» e impede que outros sectores de opinião possam manifestar-se publicamente?

Porque não foi dada publicidade à nota enviada ao Diretório pelos intelectuais e homens de ciência, na qual contestam as afirmações feitas pelo juiz do distrito de La Lanzada, Primo de Rivera escrevendo ao juiz interessando-se pela sua liberdade: mas este que «cumprindo o programa do Diretório queria fazer justiça, negou-se a libertá-la, e juntou aos autos do processo a carta do presidente.

Um homem honesto aplaudiria o gesto do juiz; mas Primo que quer a justiça para os outros, mandou a sua polícia invadir o domicílio do juiz para lhe arrebatar a célebre carta substituindo-a por outra na qual se dizia ser preciso fazer justiça. No dia seguinte os jornais publicavam a destituição do digno magistrado.

Isto é muito honrado, não é, milheiro?

Agora quereis ouvir ao povo o novo desastre; pretendeis que não se saiba que em Val de Lau perderam-se num combate, 5000 vidas; occultais o combate de Tetuán onde pereceram 4000 espanhóis; afirmais que Marracos está calmo, quando em Alicante embarca a tódie pressa a brigada de reserva!

Creia V. Ex.º que estou disposto a relatar ao povo espanhol todos estes factos sem me preocupar com as notas de protesto.

Bem sei que a minha carta vos causará indignação, que me chamareis traidor à Pátria... mas em sr. ministro, amo a Espanha mais do que vós; mas amo a Espanha honrada, a Espanha heróica, que oprimida pelo jugo dos tiranos, luta com denodo pela sua liberdade.

Odeio a cutua Espanha, a Espanha reaccionária da qual sois legítimo representante, a Espanha bárbara que com as suas vergonhas presentes nos faz retroceder aos tempos calamitosos de Filipe II.

Nada mais, sr. ministro

Lisboa, 24 de Julho de 1924.

Manuel PÉREZ

Velad social no Pórt

A Secção da Carris da Juventud Sindicalista do Pórt, reunida para resolver vários assuntos referentes à velada social que devia efectuar-se amanhã, verificou que o distinto artista sr. Cristiano de Carvalho não pode realizar a sua anunciada conferência por se encontrar doente, e por isso ficou resolvido adiar a velada para o próximo dia 17 de agosto, pelas 15 horas.

Por este motivo a secção pede aos camaradas de vários organismos por quem foram distribuídos convites, para continuarem a passagem dos mesmos, com o maior esforço possível.

Trabalhadores:

Contribui com 1 escudo!

Na Alemanha

A polícia social democrata protege os manejos nacionalistas e agride os operários que comemoram a morte de Rosa Luxemburgo

Como é sabido, a Alemanha é um dos países mais democráticos do mundo. Os proletários têm direito a tomar parte na eleição do parlamento e eleger os seus representantes, segundo princípios plenamente democráticos. De facto, os representantes operários, podem até mesmo, tomar parte nos governos nacionais e regionais, mas, sómente se estes estiverem dispostos a proteger a prosperidade da classe capitalista e o actual sistema económico. Mas o que é para admirar é que a classe burguesa encontra prontos a comprar os seus desejos, não só uns inconscientes trabalhadores, mas também todo o partido social-democrata.

Muitos destes factos são, de certo, já do vosso conhecimento, pelo que bastaria citar os mais recentes fatídicos destes proletários (que, representantes da classe trabalhadora).

Em 15 de Junho—data do aniversário do enterramento da nossa camarada Rosa Luxemburgo—o proletariado revolucionário realizou, em toda a Alemanha, festas em sua honra. Em Berlin, onde a camarada Rosa Luxemburgo está enterrada, o operariado tencionava iniciar o levantamento dum monumento comemorativo. Mas, já de manhã cedo, o acesso à campa era vedado pela polícia que é dirigida por Richter (social-democrata).

A pesar disso, o proletariado atravésou por entre a polícia, a um e um, e reuniu junto ao covil, relembrando aí a heroica e querida camarada.

Em Mannheim, o proletariado realizou uma demonstração. Imediatamente compareceu o chefe de polícia que atacou os revolucionários e impidiu a manifestação, sendo efectuadas bastantes prisões. O mesmo aconteceu em Hambug e em toda a parte, onde, quase sem exceção, a polícia é dirigida pelos social-democratas.

Agora o que nós presentesmo em Leipzig:

Erich ZAMMERHIRT

Leipzig, Julho, 1924.
Serviço de informação da Sociedade Esperantista Operária Nova Vojto.

As vítimas do 14 de Maio

Segundo nos informaram, os restos mortais das vítimas de 14 de Maio que se encontram dispersas por vários cemitérios são trasladados no dia 3 de agosto para o mauzeiro monumento na praia dos garotinhos de 14 a 18 anos) ocuparam

Uma negociata

O comissário dos Abastecimentos não iludiu ninguém com a história do milho

PORTO, 24.—O Ilustre e honrado Sr. Comissário dos Abastecimentos abandona a capital.

Nunca se viu curioso, diz-se: «Chegou, tirou a carapuça e foi-se...»

Não deixou saídas de espécie alguma, porque não conseguiu desfazer a má impressão que a sua volta se desenvolveu. A população portuguesa está firmemente convinta de que o comissário dos abastecimentos só serve, como qualquer outra firma comercial, para o explorar; está perfeitamente identificada de que o descarrilamento do milho em Leixões é para armazenado nos depósitos da União Mercantil, Ltda, fôr um belo negócio... do qual lhe báde sofrer as consequências...

O comissário partiu, profundamente convencido de que não iludiu ninguém...

E como rasto luminoso do passageiro dum cometa... comissariante, apenas se enxerga esta preciosíssima declaração a confundir-nos, a atomatar-nos:

«Não podemos o comissariado vender diretamente ao público, pois que faltam nestas cidades, e na província, os indispensáveis elementos, abrigo, conser-vação para escolher a casa ou casas comerciais, que, dando as respectivas garantias, fizeram a distribuição ao público pelo preço marcado pelo comissariado com a menor percenagem de comissão.»

Compreende-se, muito à puridade, que o comissariado dos abastecimentos é uma blague, um lôgo. Esta cidade, como nas províncias, não tem qualquer elemento que se aproveite; não possui alicerces, foi constituído no ar. E, por assim dizer uma firma comercial de comissões e consignações sem escritório definido, como muitas firmas em idênticas condições para el existem...

Sendo, pois, o comissariado um intermediário entre os intermediários, comprou o milho na casa Correia & Valente, Ltda., de Lisboa, e vendeu-o à União Mercantil do Norte, Ltda., do Porto.

E como esta firma é muito patriota e quer auxiliar a grande "utilidade" do comissariado—porque os comissariados portugueses são da força dos Rio de Janeiro naquela célebre exposição—lamenta-se, porque é limitada, a receber a simplicíssima comissão do \$02 em cada quilómetro de milho que distribuir nestas cidades e na província; pelo preço e segundo as instruções do comissariado, preceço e instruções que o mesmo comissariado já mal curará de averiguar, de fiscalizar, por falta de pessoal e por não poder distribuir as suas atenções, cujo pessoal e atenções não chegam para atender uma entidade estranha—a Manutenção Militar—na distribuição directa do milho.

«Mas ainda assim—desculpa-se apalhadiamente o comissário—o comissariado armazena de sua conta metade do carregamento, e faz a sua distribuição pelas entidades que lhe requisitem, sem nenhuma comissão qualquer casa comercial.»

Olha a vantagem... Quem armazena metade, não poderá armazena todo milho? Quem faz a distribuição de metade do milho pelas entidades que lhe requisitem, não pode, da mesma forma, fazê-lo de toda a quantidade?

Ai não, não pode, porque o comissariado, não possuindo elementos para os armazéns se desempenharem desse importante serviço, sendo uma burla engenhosamente conduzida, só está habilitado, pela força das circunstâncias su-

bortantes, a fazer as suas requisições a casas comerciais particulares para encarregar da sua venda "direta" a outras casas comerciais particulares também...

E já muito fazé-lhe em "aconselhar"

que devem vender, a quem lhe apetece, a tal preço, embora, sofisticamente, faça outro negócio...

Mas não admira: o comissariado, que é um grande agente de arrombamentos de gêneros, fez o mesmo com um certo açúcar em rama, vindo de Cuba, para ser refinado por conta do tal comissariado, e, natural, vendido pelos armazéns reguladores.

Depois de, conseguida a isenção dos direitos camarários, depois de passar por artigo colonial, reduzindo a aliança dos seus tributos, em benefício público; depois de, a pesar do preço estipulado pela gazeta oficial ser de \$540, esse preço ser reduzido a \$490, em consequência de também baixar nos estabelecimentos particulares—o tal acréscimo de comissão—esta sendo vendido em £600.000 milho na casa Correia & Valente, Ltda., de Lisboa, e vendeu-o à União Mercantil do Norte, Ltda., do Porto.

E como esta firma é muito patriota e quer auxiliar a grande "utilidade" do comissariado—porque os comissariados portugueses são da força dos Rio de Janeiro naquela célebre exposição—lamenta-se, porque é limitada, a receber a simplicíssima comissão do \$02 em cada quilómetro de milho que distribuir nestas cidades e na província; pelo preço e segundo as instruções do comissariado, preceço e instruções que o mesmo comissariado já mal curará de averiguar, de fiscalizar, por falta de pessoal e por não poder distribuir as suas atenções, cujo pessoal e atenções não chegam para atender uma entidade estranha—a Manutenção Militar—na distribuição directa do milho.

Isto agora é da imprensa do grande mundo.

Por isso ela pregunta:

«Eis o Estado sofreu um prejuízo de tantos milhares de contos na redução do imposto alfandegário, a Câmara perdoa a taxa que lhe cabe, e o açúcar vai ter, em parte, as mãos dos negociantes?»

Eles lá se entendem todos... e o ilustrado e horroso comissário lá sabe as linhas com que se cose...

E por isso él, partindo, não deixou saídas—porque não conseguiu desfazer a má impressão que se desvolveu à sua volta.

Ab! isso não!

C. V. S.

Prof. Manuel R. de Oliveira

Manipuladores de farinhas

Reúnem amanhã, pelas 15 horas, na calçada do Combro, 38, A, os manipuladores de farinhas, massas e bolachas a fim de tomarem deliberações definitivas sobre as reclamações de aumento de salário em face do excessivo agravamento do custo da vida.

Operários da Construção Civil

Com uma enorme concorrência, reúnem ontem no salão de festas da sede dos operários da construção civil, para ser aprovada a tabela de salários a enviar aos mestres de obras.

Falam vários camaradas da indústria, que se referiram à situação angustiosa em que vivem os operários devido à pavorosa e crescente fome e à insuficiência dos salários que auferem.

Escalpelizaram com veemência os causadores da miséria dos trabalhadores, acentuando que estes têm cada vez mais contrabair para o mal estar presente, antes têm procurado forçar aquelas que superintendem na vida pública para meter na ordem os exploradores da população, o que não se tem conseguido devido ao apoio que os governos lhes dão, dando ao mesmo tempo que encarceram os que legitimamente protestam defendendo o pão dos seus filhos.

Iniciaram todos os operários da construção civil a organizarem-se, pois só dentro do sindicato podem reivindicar os seus direitos.

Depois de larga discussão foi aprovada por unanimidade a seguinte tabela de salários a apresentar aos mestres de obras:

Carpinteiros, 25\$00; canteiros, 25\$00; estucadores, 25\$00; polidores de mármore, 24\$00; pedreiros, 24\$00; pintores, 24\$00; serventes, 19\$00; caileiros, 15\$00; aprendizes de pedreiro e estucador, 15\$00; aprendizes de pintor; carpinteiro e canteiro, 5\$00. Todas as ferramentas à custa dos patrões, bem como o transporte de baucos.

Os mecânicos, em madeira enviaram à assembleia uma proposta, que se reclame para aquela classe 50 por cento sobre o salário mínimo estabelecido pela Associação Industrial.

Operários dos tabacos

Os delegados desta classe de Lisboa e Póvoa proseguinto nas suas demarchas tem conferenciado com várias entidades sobre o agravio das suas reclamações e ultimamente avisaram-se com o sr. Malheiro, comissário interino dos tabacos e com o sr. presidente do conselho da Companhia.

SOCIEDADES DE RECREIO

Academia Filarmónica Verdi.

—Iniciou-se hoje às 22 horas as festas do 52º aniversário com um sarau dramático com a representação das peças «O amanhã» e a comédia «Que amigos».

Filarmonica Euterpe de Benfica.

—Realiza-se hoje, pelas 21 horas, uma récita, na qual serão representadas espetáculos «Casem-se rapazes» e «O Faleiro» e um interessante acto de variedades.

Concentração M. 24 de Agosto.

—Realiza-se hoje, às 21 horas, uma récita desempenhada pelo grupo dramático Silva e Sousa, havendo em seguida até de madrugada.

ABASTECIMENTOS

ESCOLA NORMAL PRIMARIA

Informam da Arcada:

Foi dissolvida e louvada em portaria a comissão administrativa das obras da escola normal primária de Lisboa e subordinada por outra comissão do director da escola, pelo arquitecto chefe da reparação das construções escolares e por um professor da mesma escola. A nova comissão é encarregada de estudar no mais breve prazo, o plano definitivo da realização das obras da Escola e aulas, especialmente o projectado barro académico que se denominaria da Repúblia.

O militarismo devorista

VARSOVIA, 25.—As despesas com o exército polaco são superiores a metade de todo o orçamento geral do Estado.

Teatro Nacional

HOJE—Às 21,30 horas—HOJE

Ester Leão OS DOIS GAROTOS Ilda Stichini

Nos dois protagonistas EXITO RECRUDESCENTE

Para a proxima semana sobe à cena

A SEVERA

União dos Sindicatos

Operários do Porto

ocupa-se de vários assuntos

PORTO, 24.—Reuniu, na passada terça-feira, o conselho federal da U. S. O.

Entre o expediente, acreditando um

novo delegado dos Carregadores e Des-

carregadores de Terra e Mar, retirando

a confiança num outro dos Operários

Manipuladores de Pão e respondendo à

U. S. O. a propósito duma injustiça

daí certo ponto, censura à falta de

um delegado dos Operários da Indústria

e Vestuário—figuravam dois oficiais da

C. G. T. e da Federação Municipal So-

cialista: o 1.º sobre a inopportunida-

dade dum movimento de protesto contra

a perseguição do jornal *A Batalha*, em

virtude de ter terminado essa odiosa

perseguição; e o 2.º, chamando a atenção

da U. S. O. para o facto da Câma-

ra Municipal resolver, num das suas

últimas sessões da Comissão Executiva,

que as casas dos bairros operários de

que é proprietária sejam apenas cedidas

para habitação dos seus empregados

atendendo uma representação por

estes enviada.

O conselho concordou com a doutri-

na expressa no primeiro documento,

embora entendendo que é devido ao dia-

neiro de Portugal e Colônias e não

por ter cometido crime algum, fo-

ravam enviados para o Límoiro os ma-

nipuladores do pão Domingos Pereira,

José Teixeira e José de Brito Pereira,

lavrando o seu protesto contra o 1.º

cabido n.º 11 da 3.ª companhia da G. N.

R. que pretendeu agride José Teixeira

quando ele se encontrava sob escola

para seguir para o Límoiro.

A direcção lembra a todos os camara-

ras que o possam fazer para virem

ao sindicato buscar listas para angariar

donativos para aqueles camaradas, aman-

hã das 16 horas em diante, e segunda-

feira todo o dia, onde se encontrarão

um camarada para as fornecer. Ni-

nhum manipulador de pão deve negar

a solidariedade áquelas camaradas vití-

mas do capital e as suas companheiras

e filhas que estão a bracos com a mis-

eria...

Assim acontece, que esses bairros

operários são ocupados, na sua maior

parte, não por operários, mesmo da

Câmara, mas por burócratas ricamente

estipendados, por oficiais do exército,

por políticos bem remunerados, por

chefes de polícia e por criaturas quis-

entes, tão pobresinhos, até têm pi-

nhos...

Atendendo, portanto, a estas irregu-

laridades e à ameaça, sanca a

solidariedade dos camaradas, e

com a sua missão é sem dúvida uma das

mais importantes a desempenhar para a

emancipação dos trabalhadores.

Manufactores de calçado. —Realiza-

Donativos para a compra de material tipográfico

CATRÓS & CINEMAS

Transporte: 7.886\$26.
Domingos Antunes, 1800; António Diogo, 2350; José Estrela, 2500; Momes da Martins, 1800; Dário Névoa, 2500; Vasco Luis Mendes, 1800; Alvaro P. Costa, 2500; J. Coutinho, 2000; Quente obra do sr. Belardi - rua Marques da Silva, 1750; Rad Rosa, 2800; Frederico Barreiros, 1850; Francisco Rosa Martins, 1850; Egídio Costa, 1850; Armando Cruz, 1850.

Esperança Futebol Club, 12500; António Teixeira, 2500; Justo, 10000; Manuel de Oliveira, 1500; Luís Martins Amor, 1850; António Coelho, Pórtico, 2500; Bernardino P. Costa, idem, 5000; Ismael Domingos Sousa, idem, 5000; José dos Santos, idem, 2500; Quente em varias secções, resto, 14500; Joaquim Ross Mendes, 1850; Manuel Gonçalves Carvalho, 2500; A. C. P., 1800; J. F., 1800; J. E., 1800.

Manuel Cosido, 2550; José Rodrigues, 2550; Góspicio Dias, 1500; Artur Ferreira, 1800; Francisco M. Henrique, 1800; Francisco Serrão, 2800; Um desconhecido, 1800; Manuel de Almeida, 1800; António Carlos Pessanha, 1800; Francisco Parente Viana, 3800; Francisco Soares, 1800; Mário Cunha, 2500; António Santos Pedreira, 2850; José João Júnior, 2500; Pedro Ramos Seixal, cota de auxílio de Julho a Dezembro, 3000; H. Miguel Borges, 5000; José Carlos, 1800; Francisco Santos, 1800.

Alfredo Angelino, (Cabeção), 1800; Abel R. Carvalho (Figueira), 2500; Joaquim Fernandes, idem, 2500; Francisco Gonçalves (Pórtico), 2500; António dos Santos (Portum), 6000; António Alexandre, 5000; José Manuel, 2800; Manuel da Pávia, 1800; Jerônimo Lázaro, 2800; Manuel Bento Cruz, 1800; Fernando Silva Pereira, 1800; Vila Nova, 1800; Garibaldi Bastos, 2500; Eduardo Santos, 2000; José Maranhão, 2800; Catarina Bastos, 2500; José Horácio Silva, 1800; José Ana, 1800; João Marques Gomes, 2500; José Fagulha, 1800; restaurante que em Alhos Vedros, 1850; Valeriano Paiva, 5000; Vergílio Ventura, 1800; um grupo de opários corteiros da Fabr. R. Confeiteiros (Mutels), 12500; Joaquim Carvalho, 1800; António Godinho, 2500; João, 1800; Domingos Gonçalves Foutas, 1850; António Fontes, 1850; F. Marques (Bombaral), 5000; M. nucel Pedro, 2500; António Eira, 1800; Bernardo Pessoa, 1800; Francisco Cardoso, 1800; Isidro Pereira, 500; 2 amigas (Pórtico), 2800; Manuel Oliveira Chapparo, 3800; Joaquim Marques, 2500; Maria Barros Rodrigues, 3000; Miquel da Costa Alegria, 1850; Artur Marques Silva, 1800; Francisco Oliveira, 2500;

Quente aberta nas oficinas das Instalações Elétricas do Arsenal de Marinha, Alberto Carvalho, 2550; Abreu Pinot, 1800; José Completo, 1800; Mirante de Gomes, 1800; Lúcio da Silva, 1800; Eduardo Jorge, 1800; Gabriel Ferreira, 1800; Alfonso Correia, 1800; Américo Gonçalves, 1800; Carlos Martins Varela, 1800; Albino Dlog, 1800; José Dias Pereira, 1800; José Júlio, 1800; Jorge Assis, 1800; Cristóvão Gonçalves, 2500; António Alves, 1800; José Pereira, 1800; Manuel Azevedo, 1800; Manuel Costa, 1800; Alberto Gomes, 1800; Domingos Azevedo, 1800; João Fernandes, 1800; Marcelino de Almeida, 1800; Bento Maria Charras, 2500; Francisco Pita, 1800; Manuel de Azevedo, 1800; Lucio Teles, 2800; Cândido Augusto, 1800; Eduardo da Silva, 1800; Mário Gonçalves, 1800; Artur da Silva, 1800; Raul de Almeida, 2500; Manuel da Silva, 1800; Rodrigo Amador, 1800; Augusto de Almeida Cardoso, 1800; Pedro Rodrigues, 1800; Tesdorff Mário Muler, 1800; Guilherme Moia, 500; Alberto da Silva, 1800; Jaime Merelo, 1800; Cristóvão Labre, 1800; Manuel da Fonseca, 1800; Humberto Sanches, 1800; Gregorio dos Santos, 1800; Pedro Pereiro, 1800; Artur de Almeida, 1800; Mário Benavente, 2850; Manuel Francisco, 2800; António Joaquim Gomes, 1850; Eduardo Pratas, 1800; Isaac Júlio, 1800; David José Bento, 1800; Soma, 6150.

Quente entre um grupo de gráficos do Porto - Francisco Ferreira, 3500; Alfredo Borges, 2500; Fernando Ferreira, 1800; Henrique F. Bastos, 1800; Manuel Rocha, 1800; António Ferreira, 1800; João Ferreira, 1800; Bernardo de Barros, 500; Jaime Silva, 1800; Armando Costa, 1800; Etielmo de Sousa Amaral, 1800; Álvaro Leitão, 1800; Alberto Fernandes, 1800; Álvaro José Alves, 1800; José Quintino Machado, 1800; Raul Jaime Peters, 1800; José Machado, 1800; Rita de S. Neiva, 1800; José Augusto dos Santos, 1800; Dionísio da Costa, 1800; Umuaramóquio operário, 1800; A. César, 1800; José Monteiro, 1800; Anselmo Quintela, 1800; Ernesto Ri Moreira, 1800; José de Sousa, 1800; Armando Gasparinho, 1800; João de Barros, 1800; Soma, 3000.

No Pórtico:
Quente pela comissão pró-auxílio à A Batalha e às famílias das vítimas dos acontecimentos dos Olivais e Silves - José Moreira Gomes, 10000; José Ramiro, 10000; Edmundo Ferreira da Silva, 2500; Fernandes Viana, 4800; J. A. Semiao (comerciante), 15000; Alberto Alves Campeiro, 5000; Rui Ferreira da Silva, 5000; Inácio dos Santos Vizzen, 6500; Esmesio Machado, 2850; António Fernandes, 4500; receberido de uma comissão que percorre a rua do Bomjardim e Fontinha, 11685; lista n.º 23 a cargo de Lúcio Ferreira da Silva, 15500; lista n.º 24, a cargo do Sindicato Único da Indústria do Mobiliário, 17300; receberido da comissão das Eirinhais e arredores, 5850; receberido de José P. da Costa, por intermédio desta comissão, 10800; quente tirada nos manipuladores de farinhas, entregue por Artur dos Santos Sousa, 26830; lista n.º 9, 8, 18, 7, a cargo do S. U. da Construção Civil, 7800; quente dos carregadores, entregue por António Líbório, 20500; lista n.º 19 a cargo de João Lázaro, 11500; lista n.º 22, a cargo de José Moreira da Silva, 14800; Soma, 48525, revertendo para A Batalha, 134500.

Quente aberta em Cascais - João Bittias Seguro, 5000; Agostinho Jorge, 2500; Manuel Reis, 2500; Francisco X. Viera, 2500; Dias, 2500; Augusto Coimbra, 2800;

Francisco Manuel Arruda, 1850; Augusto Moniz, 1800; Domingos Jorge, 1800; José Carojo, 1800; Manuel Jordão, 1800; José Moreira, 1800; Francisco Duarte, 1800; Manuel Duarte Rei, 1800; Manoel Gonçalves, 500; Francisco Cupido, 1800; Querido, 1800; Baquim Filipe, 1800; Rui Gonçalves, 500; Francisco Henrique, 1800; Vitor nos Sants, 500; Manoel Valente, 1800; Lima, 200; António Peixoto, 1800; Soma, 28370.

Quente aberta nas oficinas de Abel de Oliveira, António Gonçalves, 1800; Manuel Rodrigues, 1800; Raul Dias, 1800; Ernestina Napoléon, 1800; Joaquim Luiz, 1800; Custodio Duarte, 1800; José Francisco, 1800; Domingos Flôr, 1800; Cícero, 2500; J. Lopes, 1800; R. V. Lima, 1800; Gómez, 1800; Quirino Vicente, 1800; José Luiz, 1800; Anselmo Luiz, 1800; Antero de Oliveira, 1800; Um infértil funcionário público, 1800; António Pateta, 1800; Edmundo da Fonseca Chaves, 1800; Joaquim Perquito, 1800; Arnaldo Flôr, 1800; Soma, 18302.

Quente entre os operários em montagem da Central Elétrica do Alângaro, Emílio Fernandes, 5000; Augusto Soares d'Almeida, 5000; F. Augusto Ferreira, 5000; Miguel d'Olivera, 1800; Joaquim da Paixão, 1800; Soma, 17500.

Quente aberta por Santos Arranha: José da Silva, Santos Arranha, 1800; Eduardo Domingues, 5000; Rogério dos Prazeres, 1850; Américo Silverio Rodrigues, 5000; Alvaro Oliveira Gaia, 1500; Alvaro Santos, 2500; António Fernandes, 1850; Polimário da Costa, 1800; J. P. 1800; Diacri Ferreira, 1800; J. Costa, 1800; Pedro Ferreira, 1800; Virgílio Santana, 1800; Alvaro de Almeida, 1800; António Alves, 1800; Ismael da Costa, 1800; Francisco José da Silva, 1800; Carlos Pais, 1800; João Duarte, 1800; Alfredo Runa, 1800; José Regalo, 1800; Joaquim Gil Freire, 2500; Domíngos Paixão, 500; Augusto Gómez, 1800; José Henrique Durão, 1800; Salvador, 2500; Pedro Ferreira, 1800; Francisco José Garcia, 1800; José Salvador, 2500; António Duarte, 1800; Armando Vilas, 1800; Augusto dos Barros (galateiros), 1800. - Pessoal do Cemitério - Ezebio da Costa, 2500; Francisco Gomes, 1800; João da Silva, 1800; Raimundo António, 1800; Soma, 41500.

Quente entre corteiros da Fábrica Sexais, João dos S. Nitos, 1800; Vitor Mira, 1800; Serra, 1800; António, 1800; Joaquim Domingos, 1800; Manuel Duarte, 1800; Augusto, 1800; Emílio, 1800; Minuel da Silva, 1800; José Ferreira, 1800; Minuel Banda, 1800; José Algarve, 1800; Manuel Tixaria, 1800; Cunha, 1800; Alfredo, 1800; Soraia Andrade, 1800; Joaquim Bentos, 500; Ezequiel, 1800; Manuel Pedroso, 1800; Raul Coelho, 1800; João Carreira, 1800; José Francisco, 1800; Manuel Batista, 1800; Soma, 23300.

A transportar..... 8.778\$66

As melhores são as da União, Tomé Peixoto, Vieira de Leiria, S. M. da Graça, todas as lojas de artigos de higiene.

MARCAS REGISTADAS preços etá-
veis com as marcas registradas.

FATIGA geral e nervosa
CRESCIMENTO e ANEMIA
CURSE-se rapidamente com o explêndido medicamento de surménage.

POLIFOSFOGÉNEO
A venda nas principais farmácias e no depósito geral:

Calçada de Santo André, 16

CAMPANHA DE ANAMNISTIA AOS MILITARES é uma suprema afronta!

Sr. Redactor - Eu não pretendo nem o de levar licenças suspeitabilidades de desejos por forma alguma ostentar ou emitição ática da culpabilidade ou inculpabilidade dos que beneficiaram da penitência e ante-epatimia amnistias, concedidas respectivamente a amnistias dos aviadores e amnistia do 10 de Dezembro.

Quente aberta em Barcarena - José E. Sena, 2850; Raúl Félix, 1800; José Pereira, 1800; João S. Augusto, 1800; Frederico Araújo, 1800; José Cabecete, 1800; Francisco, 2850; J. Lima Figueiredo, 1800; Manuel Paulino, 200; José Florêncio, 1800; Carlos S. Augusto, 1800; Sébastião Rómio, 200; Alvaro Rosa, 1800; José Pereira, 200; Quirino Vicente, 1800; Paulino Piloti, 500; Francisco Melo, 500; José I. Vermelho, 1800; Artur Durante, 2850; Henrique Francisco, 2800; António Fortunato, 500; Carlos da Silva, 1800; José das Neves, 300; Salvador dos Santos, 1800; José Pereira, 2500; Raul H. da Silva, 1800; Alfredo Rambo, 1800; António Bautio, 1800; Joaquim de Nascimento, 2800; Artur Pereira, 1800; Raul Pereira, 200; Romão Madeira, 300; Francisco P. Félix, 2850; Joaquim da Silva, 2500; José Flores, 1800; José M. Coelho, 1800; Tomás Gomes, 1800; Abilio Rodrigues, 1800; Serafim de Almeida, 1800; César Assis, 1800; João Franco, 300; Firmino H. da Silva, 200; Sebastião Vicente, 1800; Joaquim E. dos Santos, 1800; João Soares, 1800; João C. dos Santos, 1800; Maximiano Pinheiro, 2800; António Malagueta, 1800; António Barreiros, 1800; José P. Melo, 500; Miguel Nogueira, 1800; Alexandre Madreia, 1800; Artur C. Pereira, 1800; Jaime de Almeida, 1800; António, 1800; José Luis, 1800; José Correia, 1800; Carlos Pereira, 1800; José Ferreira, 1800; Cipriano S. Augusto, 1800; Nestor dos S. Ferreira, 1800; José J. Pires, 2850; José P. da Silva, 1800; António de Oliveira, 1800; José C. António, 1800; João Fausto, 1800; José G. Barranco, 1800; Maximiano Pinheiro, 2800; António Malagueta, 1800; António Barreiros, 1800; José P. Melo, 500; Miguel Nogueira, 1800; Alexandre Madreia, 1800; Artur C. Pereira, 1800; Jaime de Almeida, 1800; António, 1800; José Luis, 1800; José Correia, 1800; Carlos Pereira, 1800; José Ferreira, 1800; Cipriano S. Augusto, 1800; Nestor dos S. Ferreira, 1800; José J. Pires, 2850; José P. da Silva, 1800; António de Oliveira, 1800; José C. António, 1800; João Fausto, 1800; José G. Barranco, 1800; Maximiano Pinheiro, 2800; António Malagueta, 1800; António Barreiros, 1800; José P. Melo, 500; Miguel Nogueira, 1800; Alexandre Madreia, 1800; Artur C. Pereira, 1800; Jaime de Almeida, 1800; António, 1800; José Luis, 1800; José Correia, 1800; Carlos Pereira, 1800; José Ferreira, 1800; Cipriano S. Augusto, 1800; Nestor dos S. Ferreira, 1800; José J. Pires, 2850; José P. da Silva, 1800; António de Oliveira, 1800; José C. António, 1800; João Fausto, 1800; José G. Barranco, 1800; Maximiano Pinheiro, 2800; António Malagueta, 1800; António Barreiros, 1800; José P. Melo, 500; Miguel Nogueira, 1800; Alexandre Madreia, 1800; Artur C. Pereira, 1800; Jaime de Almeida, 1800; António, 1800; José Luis, 1800; José Correia, 1800; Carlos Pereira, 1800; José Ferreira, 1800; Cipriano S. Augusto, 1800; Nestor dos S. Ferreira, 1800; José J. Pires, 2850; José P. da Silva, 1800; António de Oliveira, 1800; José C. António, 1800; João Fausto, 1800; José G. Barranco, 1800; Maximiano Pinheiro, 2800; António Malagueta, 1800; António Barreiros, 1800; José P. Melo, 500; Miguel Nogueira, 1800; Alexandre Madreia, 1800; Artur C. Pereira, 1800; Jaime de Almeida, 1800; António, 1800; José Luis, 1800; José Correia, 1800; Carlos Pereira, 1800; José Ferreira, 1800; Cipriano S. Augusto, 1800; Nestor dos S. Ferreira, 1800; José J. Pires, 2850; José P. da Silva, 1800; António de Oliveira, 1800; José C. António, 1800; João Fausto, 1800; José G. Barranco, 1800; Maximiano Pinheiro, 2800; António Malagueta, 1800; António Barreiros, 1800; José P. Melo, 500; Miguel Nogueira, 1800; Alexandre Madreia, 1800; Artur C. Pereira, 1800; Jaime de Almeida, 1800; António, 1800; José Luis, 1800; José Correia, 1800; Carlos Pereira, 1800; José Ferreira, 1800; Cipriano S. Augusto, 1800; Nestor dos S. Ferreira, 1800; José J. Pires, 2850; José P. da Silva, 1800; António de Oliveira, 1800; José C. António, 1800; João Fausto, 1800; José G. Barranco, 1800; Maximiano Pinheiro, 2800; António Malagueta, 1800; António Barreiros, 1800; José P. Melo, 500; Miguel Nogueira, 1800; Alexandre Madreia, 1800; Artur C. Pereira, 1800; Jaime de Almeida, 1800; António, 1800; José Luis, 1800; José Correia, 1800; Carlos Pereira, 1800; José Ferreira, 1800; Cipriano S. Augusto, 1800; Nestor dos S. Ferreira, 1800; José J. Pires, 2850; José P. da Silva, 1800; António de Oliveira, 1800; José C. António, 1800; João Fausto, 1800; José G. Barranco, 1800; Maximiano Pinheiro, 2800; António Malagueta, 1800; António Barreiros, 1800; José P. Melo, 500; Miguel Nogueira, 1800; Alexandre Madreia, 1800; Artur C. Pereira, 1800; Jaime de Almeida, 1800; António, 1800; José Luis, 1800; José Correia, 1800; Carlos Pereira, 1800; José Ferreira, 1800; Cipriano S. Augusto, 1800; Nestor dos S. Ferreira, 1800; José J. Pires, 2850; José P. da Silva, 1800; António de Oliveira, 1800; José C. António, 1800; João Fausto, 1800; José G. Barranco, 1800; Maximiano Pinheiro, 2800; António Malagueta, 1800; António Barreiros, 1800; José P. Melo, 500; Miguel Nogueira, 1800; Alexandre Madreia, 1800; Artur C. Pereira, 1800; Jaime de Almeida, 1800; António, 1800; José Luis, 1800; José Correia, 1800; Carlos Pereira, 1800; José Ferreira, 1800; Cipriano S. Augusto, 1800; Nestor dos S. Ferreira, 1800; José J. Pires

Era Néroweg... As suas últimas libações para disfarçar o medo do diabo, tinham-no embriagado quasi completamente; entrou no quarto de sua mulher tropeçando e cambaleando. Ao aspecto do seu senhor, as escravas levantaram-se timidas; Godegisela tremia tanto que apenas se pôde levantar do escabelo; sentia-se enfraquecida. O conde parou um instante no limiar da porta, com uma das mãos encostadas a uma das hombreiras e balançou levemente o corpo de diante para trás; e continuando a espairar sobre as escravas intimidadas um olhar meio estúpido, meio luxurioso, disse finalmente, após um arrasto, à confidente de sua mulher:

— Morisa, vem...

E olhando para Godegisela acrescentou:

— Tu estás muito pálida... pareces perturbada... Porque é que estás tão pálida?...

A pobre criatura recordava-se, sem dúvida, que na noite em que ele tinha estrangulado sua última mulher, o conde também dissera a uma escrava: *Vem!* de modo que as palavras de Néroweg, perturbando-a e assustando-a mais ainda, Godegisela não pôde se não murmurar quasi sêm saber o que dizia:

— Monsenhor!... monsenhor!...

— O que tens tu?... Responde, replicou brutalmente o conde. Revolta-te dizer eu a esta escrava que me acompanhe?...

— Não... oh! não!... monsenhor tem todo o direito de mandar, e eu, Godegisela, não sou mais do que a sua humilde serva...

E perdendo de todo a cabeça, aquela infeliz vendo-se já estrangulada como Wisigarda, porque esta se tinha recusado a alumiar seu marido com a amante até ao leito conjugal, apressou-se em balbuciar:

— E... se monsenhor quere... vou alumiar-l-o com esta alampana até ao seu quarto...

— Ah! senhora! disse-lhe em voz baixa Morisa, que má palavra essa! E' lembrar ao conde a causa do assassinio da sua outra mulher.

Néroweg, às palavras de Godegisela, estremeceu,

avançou repentinamente para ela com ar desconfiado; depois, agarrando-lhe num braço:

— Para que falas tu de me alumiar com essa alampada?

— Perdão! monsenhor! não me mate!...

E caiu de joelhos.

— Não mate a sua serva assim como matou Wisigarda!...

De repente, o conde tornou-se tão pálido como sua mulher, e exclamou cheio de terror, que redobra va com a sua embriaguez:

— Ela sabe que eu matei Wisigarda!... diz-me as mesmas palavras que fizera com que eu a matasse!... E' obra do espírito mau!... Wisigarda vai aparecer-me esta noite debaixo da forma de um fantasma para me atormentar! E' um aviso do céu ou do inferno!

E dirigindo-se a Morisa:

— O meu clérigo! o meu clérigo!... corre a procurá-lo!... Ele orará junto de mim tôda a noite... O fantasma de Wisigarda não se atreverá a aproximar-se estando lá um padre...

O seu terror aumentando em quanto Morisa corria a procurar o clérigo e em quanto Godegisela, quasi morta de susto e sempre de joelhos, se encostava ao céu sentindo-se desfalecer, o conde também se pôz de joelhos e exclamou, batendo no peito:

— Senhor Deus! sede misericordioso com um pobre pecador! Eu paguei muito ao meu patrono, o bispo Cautin, pela morte de meu irmão e de minha mu-

lher Wisigarda!... Pagarei muito mais ainda, a fim de que se ore por Wisigarda e que de noite ela não venha atormentar-me debaixo da forma de fantasma!... Amanhã, logo pela manhã, mandarei edificar a capela nos faleiros de Alange; e também farei redifícilar o palácio do bispo Cautin! Senhor! bom

senhor Deus! sede misericordioso com um pobre pecador!... Livrai-me do diabo e do fantasma de Wisigarda!...

E aquele fervoroso católico, de joelhos, estúpido

pelo terror e pela embriaguez, batendo com fúria no peito, espera cheio de terrível ansiedade a chegada do seu clérigo.

Vendo a maneira porque um nobre conde passa o dia no seu burgo, pode-se fazer idéa quanto será humana e ilustrada essa raça de conquistadores da velha Gália! Que ternura para suas mulheres! que respeito pelos laços de família e pela santidade do lar doméstico!...

Senhor conde! senhor conde Néroweg! acorde!... A noite dalem, em lugar de a passar nos braços de uma das suas escravas, passou-a com medo do diabo, de joelhos ao pé do seu clérigo, repetindo as orações que dizia o santo homem, e caindo de sono; porque depois de beber teria preferido ir para a cama. Socogdo ao ver as primeiras claridades da aurora, hora morta para os demônios, adormeceu na sua cama, guarneida de peles de urso, e dos troféus das suas caçadas...

Senhor conde Néroweg, acorde!... Ai tem o seu rei, ou antes um dos cinco filhos do seu bom rei Clotário, dêsse terno príncipe que mata as crianças às facadas!... O grande Clotário é hoje rei de tôda a Gália; os outros filhos e netos do devoto Clovis, que santamente descansa na basílica dos santos apóstolos, já morreram todos em Paris! Ai tem Chram o Bastardo, mas que importa! Chram, um dos cinco filhos de Clotário, é governador do Auvergne

por parte de seu pai... Vem, favor insigne, vem com os seus três validos e bom número de leudas austriotes, como alivamente se denominam esses protégidos do rei... Acorde, senhor conde! ai tem o rei Chram que o vem visitar... A cavalgada é brilhante, é numerosa! Os três mais amigos, mais queridos de Chram, mais queridos amigos ainda do saque, do roubo e do assassinio, acompanham o real personagem; chamam-se Innachario, Spatachario e Leão de Poitiers, esse gaulês renegado que, como tantos outros da sua témpera, se aliam, assim como os bárbaros, aos franceses conquistadores. O Leão de Poitiers

é denominado assim, porque do mesmo modo que o leão carniceiro gosta da rapina e da mortandade.

Senhor conde! senhor conde Néroweg! acorde!... Acorde também sua mulher Godegisela, que tôda a noite, angustiosa e tremendo, quando seus olhos avermelhados pelas lágrimas se fecharam ao sono sonhou com mulheres estranguladas!... Depressa, depressa, que Godegisela se apresente com as melhores alianças e com os mais belos vestidos da quarta esposa do senhor conde!... Depressa, depressa, senhor conde, que Godegisela se adorne com as suas mais ricas joias! Chram pode achal-a a seu gôsto ou ao gôsto dos seus válidos... Gracioso rei! servicial rei! se uma rapariga ou uma mulher agrada, seja livre ou escrava, a algum dos seus amigos, logo ele lhe dispensa um real diploma pelo qual elas arrastam a querida ao seu leito.

Depressa, depressa, senhor conde, mande montar a cavalo os seus leudas, mande armar os seus peões, e a frente do bando, senhor conde, revestido da sua armadura de gala, cingindo ao lado a sua magnifica espada de Espanha com copos de ouro esmaltado, que roubou na ocasião da sua predosa devastação da terra dos visigodos, dos malditos arianos, dos malditos herreis contra os quais os bispos católicos os excitaram de arco e flecha em punho, do mesmo modo que o senhor conde escoltava a sua matilha contra as feras dos bosques. Depressa, depressa, monte no seu cavalo baio, ajaesado de selim e rédeas encarnadadas, de freio e estribos de prata!... Depressa, corra ao encontro do seu glorioso rei Chram, à frente dos seus cavaleiros e da sua gente de pé!

Já o seu real hóspede e sequito, anunciado por um dos seus servos, está pouco distante do burgo... Senhor conde, trate de o conduzir à sua casa senhorial! apresse-se, ande, senhor conde! porque não conta com esta última e feliz notícia:

O seu bom patrono, o bemaventurado bispo Cautin acompanha o rei Chram.

— Maldita seja a chegada desse Chram!... dia

F. H. D'OLIVEIR & C. Lda

Casa fundada em 1895

Sede Social: Rua 24 de Julho, 148

Endereço telegráfico: MATERIAIS

Telefones C. 128 e C. 13 - LISBOA

Secção de Materiais de Construção, Madeiras para Construções, Marcenarias, Tanoarias, etc.

Artigos sanitários: Bacias, Bides, Autoclismos, Banheiras, Esquentadores, etc.

Artigos cerâmicos: Azulejos, Ladrilhos, Mosaicos, Tubos de barro e gres, Vasos, Pirâmides, etc.

Drugs, Tintas, Agua-rás, Resina, Produtos Químicos, Enxofres, Sulfato de cobre, Carboreto, etc.

Matérias primas para indústrias.

Papéis para embrulho, sacos, fio, papelão, etc.

Secção de Liègite para pavimentos e isolamento de tubos.

ADUELAS ITALIANAS E AMERICANAS

Rua 24 de Julho, 148 - Telefones 13 e 128 C.

Secção de Metais: Ferro em vigas, Barramentos, Cântoneiras, Tés, Arames, Chapas, Arcos, Ferro para fiação, Chumbo em barra e chapa, Zinco em barra e chapa, Estanho Cordeiro Bandeira, Antimonio, Alumínio, Carvão, etc.

Rua Vasco da Gama, 34 - Telefone 2950

Secção de Ferragens e Ferramentas, Fechaduras, Machas-fêmeas, Pregos, Parafusos, Molas, Martelos, Formões, Plainas, Serras Brocas, Vermuras, Louças de ferro esmaltado, Canivetes Facas, etc.

Rua do Comércio, 9 a 13 - Telefone 178 C.

Secção de Drogas e Produtos Químicos: Perfumaria, Alvalade, Cloreto de cal, Potassa, Carbóxido, Grudes, Espoñas, Tintas, Secantes, Vernizes, Especialidades farmacêuticas, Quimino, Eter, Iodo, Bismuto, Iodeto, etc. Sabonetes, Essências, Essências para bebidas, etc.

Rua do Comércio, 1 a 5 - Telefone 178 C.

Agência no Porto

243, RUA DO ALMADA, 245

Valério, Lopes & Ferreira, Lda

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metal, cutelarias, talhas, louça esmaltada, parafusos, fundos para caldeiras, guarnições para móveis.

Chapa ferro preta

- e zincada -

Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

TELEFONE 3930, N. 1 gramas, FERRAGENS

84, Rua do Amparo, 86 - LISBOA

Fatos completos

Actualmente liquidação de saldos das Estações anteriores para homem

FATOS desde 179\$00

SOBRETUDOS desde 179\$00

IMPERMEAVEIS desde 175\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 49\$00

Setins, metro desde 17\$00

Chaves do Conde Barão

170, RUA DA BOA VISTA, 172

CHAVES
DO
CONDE
BARÃO



Manuel José Alvaro Brás
e António de Sousa

Antigos empregados da Comp.

SINGER

Continuam a receber as ordens de todos os seus clientes e amigos no seu estabelecimento com um grande sortimento de máquinas de costura e relógios de sala dos melhores autores, peças sólitas, óculos, algodões e sedas para bordar. Concertam-se e aliam-se máquinas de costura. Bordadora habilitada a dar fitões de bordados às nossas Ex. mas. Clientes. Desde já agradecem a todos os seus amigos e clientes uma visita a esta casa. Tomam-se encomendas para a província.

246, R. do Benfimoso, 246-A

Pedras para isqueiros

BRANCAS de 5 mm, is-

queiros, rodas, molas, etc.

Nova remessa.

Vitorino, Lda.

Rua da Prata, 98, 2.

31

E' o número da portaria da Nova Ourivesaria de Peixoto, Maia & Pinheiro, Lda, rua de São Paulo, (junto ao arco). Ouro, prata, joias, moedas de ouro e dentaduras velhas. Não vendam sem consultar os nossos preços. Vendemos por preços limitadíssimos em novo e 2º mão, joias, objectos de ouro e prata. Sucursal, rua de São Paulo, 114. Telefone 1322 C.

Ler o Suplemento de A Batalha

A grande baixa de ralado

só com o lucro de 10%.

NA - SABOTARIA SOCIAL OPERÁRIA

Sabatos para senhora

Sabatos em verão

Botas pretas, (grande saldo)

Botas brancas, (saldo)

Grande saldo de botas pretas

Botas de cós para homem

Não confundir a SOCIAL OPERÁRIA com outra casa.

Vê bem, pois só lá se encontra bom e barato.

A SOCIAL OPERÁRIA é na rua dos Cavaleiros, 18-20, com Filial

na mesma rua n.º 69.

Representante da ma-

teria: "ELEPHANT"

A única que mata a 100 metros

Grande depósito de sementes

da antiga CASA VERSCHOOKE

Escadarias de Santa Justa, 96

IMPORTANTE SEGUROS MARITIMOS

"A MUNI AL" participa a todos os seus clientes que celebraram contratos com os mais importantes resseguradores, ficando assim habilitada a cobrir os riscos marítimos em condições das mais vantajosas e dentro da máxima garantia.

Vantagens especiais em apólices fluctuantes.